



## **ENSINO DE HISTÓRIA E DIVERSIDADE RELIGIOSA NA ESCOLA MARIA DAS VITÓRIAS PIRES UCHÔA DE QUEIROZ (CAMPINA GRANDE-PB): IDENTIDADE, DIFERENÇA E INTERCULTURALIDADE**

Rafael Nóbrega Araújo (1); Alex Pereira da Silva (2); Túlio Carlos Silva Antunes (3); José Evanilson de Freitas Lima (4); Patrícia Cristina de Aragão Araújo (5 - Orientadora)

*Universidade Estadual da Paraíba*

(1) [rafael.nobreg.araujo@gmail.com](mailto:rafael.nobreg.araujo@gmail.com)

(2) [aleks1928@hotmail.com](mailto:aleks1928@hotmail.com)

(3) [tulio\\_antuneees@hotmail.com](mailto:tulio_antuneees@hotmail.com)

(4) [evanilson.freitas@hotmail.com](mailto:evanilson.freitas@hotmail.com)

(5) [cristina-aragao21@hotmail.com](mailto:cristina-aragao21@hotmail.com)

**Resumo:** O presente trabalho versa acerca da pesquisa de Iniciação Científica realizada através do projeto “*Saberes históricos, currículo e memória: Ensino de História e identidade no contexto da diversidade religiosa*” para pensar em torno das questões sobre a diversidade religiosa presente no ambiente escolar. Entendemos que o espaço escolar se constitui enquanto ambiente no qual convivem, crianças, jovens e adolescentes que pertencem a comunidades de diferentes pertencimentos religiosos, neste sentido, o profissional em educação tem o constante desafio de construir uma prática educativa que esteja voltada para atender as temáticas pertinentes à diversidade religiosa. Através das categorias de identidade, diferença e interculturalidade, tomamos por objetivo perceber como os alunos vivenciam os saberes próprios de suas religiosidades, de que forma a Escola e o ensino de História dialogam e recebem com esses saberes e as práticas religiosas em sua diversidade. Partimos de uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, através da análise de questionários aplicados com discentes e docentes da Escola, bem como um estudo documental e bibliográfico.

Palavras-chave: Ensino de História, diversidade religiosa, interculturalidade, inclusão.

### **INTRODUÇÃO**

O presente artigo apresenta os resultados conclusivos da pesquisa “Saberes históricos, currículo e memória: ensino de história e identidade no contexto da diversidade religiosa”, que faz parte do Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica - Cota 2015/2016 “A história ensinada e o currículo intercultural: memória, identidade e práticas educacionais”, desenvolvida através da orientação da Professora Doutora



Patrícia Cristina de Aragão Araújo. Tem como foco de observação e análise a discussão em torno do ensino de História atrelado à diversidade religiosa, destacando a pluralidade de práticas que existem dentro e fora da Escola, pois, entendemos que o espaço escolar se constitui enquanto ambiente no qual convivem crianças, jovens e adolescentes que pertencem a comunidades de diferentes pertencimentos religiosos, neste sentido, o profissional em educação, sobretudo, no ensino de História, tem o constante desafio de construir uma prática educativa que esteja voltada para atender as temáticas pertinentes à diversidade religiosa.

Procuramos identificar, através de um estudo documental e bibliográfico, de que forma se estabelece o diálogo entre os saberes religiosos e os saberes históricos do currículo escolar em sala de aula e de que maneira a Escola reconhece e recebe estes saberes. Este estudo apresenta uma delimitação que perpassa pela escolha da Escola Municipal Maria das Vitórias Pires Uchôa de Queiroz como foco da pesquisa, localizada no Bairro das Cidades, no município de Campina Grande/PB. O artigo se encaminha no sentido de perceber como a escola trabalha com a pluralidade religiosa e qual a visibilidade que é dada a esta temática no currículo pensado e praticado no cotidiano escolar. Neste sentido, evidencia-se a pertinência do conjunto de reflexões suscitadas a partir da investigação em questão, que contribui para pensar uma proposta inclusiva de uma educação intercultural para pensar o diálogo com os saberes religiosos, de modo a construir um ensino de História voltado para a diversidade religiosa.

Sendo a escola um espaço no qual convivem diferentes sujeitos, oriundos de diversos pertencimentos religiosos, torna-se fundamental perceber, de que maneira a partir da escola, a diversidade religiosa está ou não sendo abordada em sala de aula, no livro didático, no currículo, assim como na fala de professores e alunos. No espaço do presente artigo, procuramos demonstrar a nossa percepção acerca de como a escola dialoga com os saberes advindos da experiência religiosa e, estes com os saberes da disciplina escolar História.

É de fundamental importância destacar que as pesquisas em torno da interculturalidade, evidenciando o elemento da diversidade religiosa, vêm se constituindo como um campo de investigação muito frutífero, demonstrando grande relevância para pensarmos em torno do direcionamento dado ao ensino de História.



## **METODOLOGIA**

A pesquisa que integra o presente relatório diz respeito ao estudo realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Maria das Vitórias Pires Uchôa de Queiroz, que se encontra situada à Rua Goiânia, 280, no Bairro das Cidades, localizada na Zona Sul do município de Campina Grande. Partimos de uma pesquisa documental que, na etapa final do nosso estudo, envolveu a investigação das disposições sobre educação e ensino de História presentes nos documentos oficiais, tais como o Projeto Político e Pedagógico da Escola em estudo, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e o Planos Curriculares Nacionais de História.

Tomamos como abordagem metodológica em nossa investigação, um estudo qualitativo de caráter etnográfico à luz das interlocuções teóricas estabelecidas com André (1995), através da qual estabelecemos a análise dos dados coletados através da aplicação de questionários estruturados com a professora e alunos do 9º ano do Ensino Fundamental da referida Escola. Partimos também da análise de conteúdo para estabelecer um estudo acerca das representações da diversidade religiosa no livro didático de História do 9º ano, em que analisamos o livro “História: sociedade & cidadania” de Alfredo Boulos Júnior (2012).

Nosso estudo bibliográfico privilegiou os enfoques temáticos que versam acerca do tema tratado na nossa investigação. Para embasar nossas considerações, recorremos às contribuições presentes nos debates de Barros (2011 e 2013), Candau (2014a e 2014b), Cuche (1999), Fleuri (2013), Macedo Netto (2009), Pacheco (2011), Ribeiro (2013), Silva (2004), entre outros, procurando, compreender e aprofundar as discussões em torno das questões referentes à educação intercultural, diversidade religiosa e ensino de História.

O processo de coleta de dados se deu inicialmente através do recorte feito para trabalharmos com a turma de 9º ano A do Ensino Fundamental da Escola Maria das Vitórias, que abrange um universo de 25 alunos, dos quais 21 responderam os questionários estruturados para a pesquisa. Após apresentarmos a pesquisa e realizarmos a coleta de dados, fizemos a análise das respostas de alunos e da professora de História do 9º ano, em que foram observadas as relações e percepções sobre a diversidade religiosa no cotidiano escolar.

## 4. RESULTADOS

### 4.1. Ensino de História e diversidade religiosa no campo da educação intercultural

A questão da interculturalidade tem ganhado visibilidade e destaque, sobretudo, a partir da década de 1990 na emergente necessidade do reconhecimento e valorização das diferenças que constituem os diversos atores socioculturais e suas contribuições para o processo educacional (CANDAUI, 2014a). A interculturalidade surge como elemento para a construção de uma convivência democrática entre diferentes culturas, buscando uma integração em que se preserve a diversidade.

Originalmente a interculturalidade surge de teorias e ações pedagógicas, tendo ganhado amplitude através de práticas culturais e políticas públicas, indicando uma saída para a convivência democrática entre diferentes identidades culturais e diversos atores sociais. A partir das décadas de 1970 e 1980, os estudos culturais ganham maior destaque e interesse de pesquisa, tornando-se central no debate no interior das Ciências Humanas, principalmente, decorrente do processo de descolonização na África, Ásia e América Latina que abre espaço para os estudos pós-colonialistas.

O processo de globalização se radicaliza e caracteriza mudanças cada vez maiores e mais rápidas dentro da sociedade contemporânea. A produção cada vez mais dinâmica do conhecimento decorrente da disseminação das novas tecnologias da informação; a aceleração do tempo e encurtamento das distâncias diluiu fronteiras e colocou cada vez mais próximos grupos culturais distintos. A globalização, enquanto projeto ocidental de homogeneização das identidades globais caminha em paralelo com o reforçamento das identidades locais. Este processo coloca em questão a “centralidade” cultural (HALL, 2006).

Em um contexto global, as identidades tornam-se uma categoria central para compreender a diversidade e construir elementos para a convivência democrática em que se respeitem as diferenças. Os movimentos sociais emergentes na década de 1970, tais como o movimento feminista, movimento negro, em um contexto de revoltas estudantis, conjuntamente com movimentos pacifistas e antibelicistas, na luta por direitos civis, possuíam uma ênfase e uma forma cultural bastante forte. Além disto, estes movimentos se reuniam em torno de elementos aglutinadores das identidades dos seus grupos sustentadores (HALL, 2006, pp. 44-5). Cada um destes movimentos contribuiu para se pensar acerca da identidade e da diferença como categorias constitutivas da sociedade



contemporânea, que contribuem dando voz e visibilidade para grupos histórica e socialmente marginalizados. Neste sentido, foram movimentos que tiveram agendas políticas e culturais, mas também, identitárias.

Reinaldo Matias Fleuri (2013) chama atenção para a demanda que a escola deve assumir diante destas transformações sociais e a emergência de novos sujeitos sociais e políticos. Diz ele que “A emergência dos movimentos sociais coloca, portanto, a necessidade de a escola se assumir, não apenas como espaço de tolerância e de cruzamento da diversidade, mas como contexto cultivador do diálogo crítico, democrático e criativo” (FLEURI, 2013, p. 66).

A instituição escolar, enquanto (re) produtora relações sociais, possui o desafio de repensar o seu papel como um lugar que privilegie a socialização de saberes e a construção de novas relações socioculturais, constituindo-se como um espaço em que convivem diferenças identitárias e culturais. É fundamental perceber a escola como instrumento para construção de um diálogo democrático propositivo da diversidade e da inclusão.

Neste sentido, a educação na perspectiva da interculturalidade torna-se fundamental para construir este diálogo com as diferenças e propor um ensino inclusivo, que promova a diversidade e o convívio democrático. Vera Candau (2014a) no capítulo “Educação intercultural: entre afirmações e desafios”, pontua algumas considerações sobre as implicações teóricas e práticas acerca da interculturalidade para que os profissionais em educação possam assumir no processo de ensino-aprendizagem.

Dentre os desafios e possibilidades apontados pela autora para pensar a diversidade no diálogo da escola com os saberes culturais, aí incluídos os saberes da diversidade religiosa, elencamos dois elementos para constituição de uma educação verdadeiramente intercultural. O primeiro elemento é o de reconhecer a diferença como elemento enriquecedor e vantagem pedagógica, para que desta forma não seja reduzida a mera igualdade e padronização, e desta forma, reconhecer na singularidade o valor de cada ator social. E, em segundo lugar, uma possibilidade para pensar a interculturalidade consiste em romper com uma “monocultura do saber”, constatando desta forma, a incompletude dos saberes e por este motivo empreender uma “ecologia de saberes”, isto é, dialogar saberes da experiência cotidiana e trazê-los para dentro da escola e compor uma educação voltada para a diversidade (CANDAU, 2014a, pp. 31, 34-35).

No ambiente escolar confluem crianças, jovens e adolescentes de diversos espaços de pertencimento religioso, de tradições e comunidades



religiosas diferenciadas. Surge a demanda de se pensar um ensino de História que seja plural e abarque as diferenças religiosas dentro do contexto educativo. Deste modo, ressaltamos a importância de se perceber e incluir a diversidade religiosa no cotidiano escolar, conforme destaca Eliane Moura da Silva (2004) “Conhecer o lugar onde estamos e onde os outros estão em relação à fé e às crenças leva-nos a desenvolver um sentido de proporção no amplo campo das religiões, religiosidades, experiências religiosas – onde todos devem ser ouvidos e respeitados” (p. 6).

O ensino de História deve estar voltado para o desenvolvimento de uma conscientização histórica, no intuito de vincular o indivíduo à sua experiência no espaço-tempo e na sociedade em que vive, rompendo com a alienação, promovendo o desenvolvimento de indivíduos comprometidos e atuantes (RIBEIRO, 2013). Conforme aponta-nos Ricardo de Aguiar Pacheco (2010) o ensino de História deve educar para uma formação cidadã e participativa, atrelado ao princípio de inclusão para que, desta maneira, se formem jovens críticos, conscientes e aptos para exercer uma vida pública em sociedade respeitando as diferenças.

Destarte, o estudo dos fenômenos religiosos pode trazer importantes contribuições para a educação, pois um estudo científico das manifestações religiosas reconhecendo-as enquanto importante elemento cultural que pode ser utilizado no desenvolvimento da autonomia e do pensamento crítico e, dessa forma contribuir também para o fortalecimento da cidadania.

#### **4.2. Percepções da diversidade religiosa no ensino de História da Escola Maria das Vitórias Pires Uchoa de Queiroz**

A Escola Municipal do Ensino Fundamental Maria das Vitórias Pires Uchoa de Queiroz foi fundada em 17 de Março de 2003, encontra-se localizada à Rua Goiana, 280, no bairro das Cidades, município de Campina Grande, é mantida pela Prefeitura Municipal de Campina Grande e administrada pela Secretaria de Educação e esportes desta mesma cidade. Funciona nos três turnos: manhã, tarde e noite; possuindo ensino regular dos anos iniciais aos anos finais do ensino Fundamental (do pré ao 9º ano), assim como Educação para Jovens e Adultos, além disto, a Escola também oferece atividades complementares como hip hop, música, futebol e futsal.



No que tange a estrutura funcional da Escola, ela dispõe de laboratório de informática com 10 computadores para uma demanda de aproximadamente 1.000 (mil) alunos e dispõe de apenas uma sala de leitura. Recentemente, por uma reivindicação da direção, professores e funcionários da escola, a Prefeitura Municipal de Campina Grande realizou uma reforma, propondo a ampliação da Escola e construção de uma quadra poliesportiva, que apesar da grande necessidade da Escola e da comunidade, a obra encontra-se estagnada, apenas parcialmente concluída.

A escolha pela escola em questão para ser o *locus* de nossa pesquisa, encontra-se em consonância com a pertinência desta investigação, tendo em vista que o Bairro das Cidades conta em sua composição com a presença de múltiplos espaços de pertencimento religioso, desde o catolicismo, às múltiplas denominações pentecostais e neopentecostais, além de um templo das Testemunhas de Jeová, assim como dos Santos dos Últimos Dias e terreiros do Candomblé. Além disto, por se tratar de uma comunidade periférica da cidade de Campina Grande, encontra-se muitas vezes a margem das políticas públicas e, entendendo que podemos oferecer nossa contribuição para essa comunidade optamos por escolhê-la para compor nossa pesquisa.

Diante do que exposto, podemos perceber um pouco da realidade deste bairro de periferia e baixa renda, que se faz de fundamental importância para que trabalhemos sobre como a diversidade religiosa está sendo representada por estes jovens na Escola Maria das Vitórias. Dessa forma procuramos identificar as representações da diversidade religiosa presente no ensino de História a partir da percepção de alunos e professores desta Escola.

Dentro do nosso universo amostral contamos com a participação de 21 jovens, da turma de 9º ano A, da Escola Municipal Maria das Vitórias, dos quais 14 são do sexo feminino e 7 do sexo masculino, verificamos também que dentre as respostas coletadas existem 11 evangélicos na turma, 7 católicos e 3 jovens pertencem à outras religiões ou que não responderam. A aplicação do questionário com a turma se deu em um momento durante as aulas de História, em que foi apresentada a temática do projeto e explicado passo a passo o questionário, que foi composto de 5 perguntas para ouvirmos os jovens sobre a disciplina escolar história, o seu ensino, a diversidade religiosa e sua interação na sala de aula.

O primeiro item do questionário versa acerca da importância que a História e o seu ensino representa para o aprendizado do/da jovem. Todos/as os/as jovens ofereceram basicamente a mesma resposta, dando relevância as discussões e ao conteúdo incorporados pela disciplina. A título de ilustração neste relatório,



evidenciamos a percepção de três jovens: a primeira jovem, **M. E.**, nos diz que em sua opinião “a importância é que a gente aprende várias coisas sobre o tempo antigo”; por seu turno, **S. K.** acredita que “a História é a maneira de saber sobre o meu passado, o passado das coisas, pessoas e origem das coisas”, já para **I. P.** a importância da História consiste em descobrir “a história dos antepassados, como foi a vida de pessoas conhecidas, e políticos, cangaceiros, etc.”.

Em seguida, procuramos investigar de que modo o ensino de História contribui na vida e na comunidade destes jovens. Em sua maioria os/as jovens vêm no ensino de História um saber central para aprimorar seus conhecimentos, dentre as quais enfatizamos a resposta de três jovens: **A. L.** entende que o ensino de História “contribui de várias maneiras como: escolher ser um historiador, ter um museu com coisas históricas, oportunidade de saber mais sobre história e nesse mundo precisamos delas.”, podemos depreender da fala desta jovem a maneira como a História pode oferecer possibilidades de crescimento pessoal. Já a fala de **R. S.** percebeu-se que o ensino de História contribui para desvelar as desigualdades encobertas pela narrativa de uma História Tradicional, em que para esta jovem contribui para perceber que “as coisas antigamente [...] não era muito justas para algumas pessoas”.

Num terceiro momento, perguntamos sobre a importância de se trabalhar história dialogando com os saberes religiosos em sala de aula. Houve algumas respostas que contribuíram para ilustrar a importância de se estabelecer uma ligação entre História e Religião, de modo a historicizar, isto é, desvelar as relações sociais, culturais e históricas que contribuíram para a emergência do fenômeno religioso, como elemento para entender o lugar do outro. As falas dos/das jovens apontam para o diálogo entre os saberes históricos e os saberes da experiência religiosa como algo positivo. Para **I. P.** este diálogo tem a “importância de cada um respeitar a religião do próximo”, seguindo a mesma linha **A. C.** acha importante para mostrar que estudar religião é algo normal e “interessante”.

No quarto ponto os/as jovens foram interrogados sobre como veem a diversidade religiosa na Escola, a maior parte dos jovens percebe positivamente esse aspecto dentro da escola, entendendo que este fator contribui para o aprendizado, mas reconhecem a existência do preconceito. Nas palavras de **I. P.**, a diferença religiosa na Escola é “Normal, trato eles normalmente sem diferença nenhuma, pois cada um é livre para ter suas escolhas.” O mesmo posicionamento de **L. I.** que também considera normal, “porque cada um tem sua religião.”

Entretanto, ao passo em que alguns jovens atentam para a diversidade como reconhecimento e respeito pelas diferenças sociais, culturais

e religiosas, considerando-a “legal”, outros jovens mesmo reconhecendo a diferença e a diversidade religiosa, entendem que sua religião é única, e que seu Deus é o certo, ou como foi visto em algumas falas percebem a diferença meramente como uma dicotomia entre evangélicos e católicos, não reconhecendo outras religiões.

No que se refere ao quinto ponto, foi pedido que os jovens falassem sobre a importância da religião em suas vidas, a grande maioria afirmou que a religião é um elemento central em suas vidas, algo que “gostam” e acham “legal”. Diante das respostas dos/as alunos/as, fica então o destaque dado ao elemento religioso, que pode e deve ser usado como saber-fazer para o desenvolvimento de um ensino de História plural e crítico, respeitando as diferenças e a diversidade.

Destarte, reside por parte da Professora D. e a direção da escola uma grande preocupação com as temáticas religiosas, pois há sempre o cuidado de tratar esta temática com criticidade e sem proselitismo religioso. O mesmo cuidado é tido quando vai ser tratar sobre a religiosidade africana, pois esta temática vem com uma carga pejorativa muito forte e, isso gera diferentes reações entre os (as) jovens que tem uma experiência religiosa mais fervorosa.

Em relação ao livro didático utilizado pela professora e que analisamos em nosso estudo foi *História Sociedade & Cidadania* de Alfredo Boulos Júnior (2012). Na capa do livro estão representados participantes do Fórum Social Mundial realizado em Porto Alegre (RS) em 2005, na qual estão realizando uma ciranda. Nesta imagem podem-se ver pessoas de diferentes povos, etnias e religiões brincando com uma representação do planeta terra. Porém, no livro didático a discussão sobre diversidade encontra-se relegada à última unidade em que o tema norteador é “Ética, cidadania e meio ambiente”, entretanto a questão da diversidade religiosa se faz pouco presente, apenas as páginas 281, 291 e 296 trazem imagens que representam a diversidade religiosa.

Diante da ausência da temática do livro didático, a Professora D. procura “suprir minimamente” a questão em sala de aula, conjuntamente com a Direção e a equipe pedagógica procuram oferecer atividades como Mostras Pedagógicas que versam sobre a diversidade cultural como elemento aglutinador de uma formação plural e intercultural.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir de nossa pesquisa compreendemos que se faz necessário na escola, inicialmente o reconhecimento das

diferenças religiosas, segundo compreender que a diversidade religiosa é possibilidade positiva de entender a sociedade e os sujeitos que nelas estão inseridos, a partir da integração destes sujeitos na escola. Terceiro, a escola ao dar relevo a diversidade religiosa e colocar como discussão e pauta importante em sua composição possibilita abrir diálogo com as diferenças e os diversos pertencimentos sociais, culturais e de valores de seus alunos. A pesquisa nos mostrou que há múltiplos caminhos para a escola, o que é necessário é que estes sejam aceitos como possíveis, para a formação de uma integração social.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 1995. (Série Prática Pedagógica).

BARROS, José D' Assunção. **A expansão da História**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. **A Nova História Cultural** – considerações sobre o seu universo conceitual e seus diálogos com outros campos históricos. *Cadernos de História*, v. 12, n. 16, 1º sem. – Belo Horizonte, 2011.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 9.394, de Dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Disponível em:** [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm). Acessado em: 28 de Março de 2016.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Terceiro e Quarto Ciclos do ensino fundamental – História e Geografia. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História: sociedade & cidadania** – Edição reformulada, 9º ano. – 2. ed. – São Paulo: FTD, 2012.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sérgio Goes de Paula – 2. ed. rev. e ampl. – Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CANDAU, Vera Maria. “Educação intercultural: entre afirmações e desafios”. In: MOREIRA, Antonio Flavio; CANDAU, Vera Maria. (orgs.). **Currículos, disciplinas escolares e culturas**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014a.



\_\_\_\_\_. **Ser professor/a hoje:** novos confrontos entre saberes, culturas e práticas. Educação, v. 37, n. 1, pp. 33-41, jan./abr. Porto Alegre, 2014b.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: EDUSC, 1999.

FLEURI, Ronaldo Matias. “Relações interculturais, diversidade religiosa e educação: desafios e possibilidades”. In: FLEURI, Ronaldo Matias [et al.] (orgs). **Diversidade religiosa e direitos humanos:** conhecer, respeitar e conviver - Blumenau: Edifurb, 2013.

HALL, Stuart. **A Identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. - Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MACEDO NETTO, Manoel Pereira. **Parâmetros Curriculares Nacionais de História:** desafios e possibilidades da história ensinada na Educação Básica. História em Reflexão, vol. 3, n. 6, , jul./dez., - UFGD – Dourados, 2009.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **Os saberes da história:** elementos para um currículo escolar contemporâneo. Antíteses, vol. 3, n. 6, jul.-dez. de 2010, pp. 759-776.

QUEIROZ, Maria das Vitórias Uchoa Pires de. **Projeto Político Pedagógico.** 2007.

RIBEIRO, Jonatas Roque. **História e ensino de História:** perspectivas e abordagens. Educação em foco, ed. n. 07, Mês/ano: 09/2013. pp. 1-7.

SILVA, Eliane Moura da. **Religião, Diversidade e Valores Culturais:** conceitos teóricos e educação para a cidadania. Revista de Estudos da Religião Nº 2, São Paulo: 2004. pp. 1-14.

